

# humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

S. JOÃO CRISÓSTOMO, **Oito catequeses baptismais**, Verbo, Lisboa —  
— S. Paulo, 1974, 191 p.

Há um certo número de livros, pertencentes às áreas de que costumamos ocupar-nos e que chegaram à nossa revista um pouco antes e um pouco depois de 25-4-1974 que, por motivos que não importa agora especificar, ainda não foram recenseados. Em homenagem de agradecimento aos autores e editores e para informação dos leitores deles vamos dar ainda notícia suficiente, apesar do grande atraso.

Em boa hora fez a Editorial Verbo um contrato de tradução para português de algumas das obras das *Éditions du Cerf* (29, Bd. La Tour Maubourg 75340 Paris), uma casa que edita 48 colecções, já com mais de 2300 títulos, e que é uma das mais prestigiosas editoras católicas do mundo. Uma das suas colecções são as *Sources Chrétiennes*, cujo 1.º volume saiu em 1943 e que a 8-11-1982 celebrou o lançamento do seu 300.º volume. Esta colecção, iniciada sob a direcção de J. Daniélou e de H. de Lubac, viu o seu mérito científico oficializado em França, ao ser integrada, desde 1976, como «Équipe de Recherche Associée» n.º 645 do C.N.R.S. Foi o n.º 50 bis das «Sources Chrétiennes» que a Editorial Verbo escolheu para iniciar a nova colecção *Origens do Cristianismo*, dirigida pelo P. Doutor António Montes Moreira, professor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa.

As *Oito catequeses baptismais* são um texto descoberto em 1955 pelo P. A. Wenger, no mosteiro de Stavronikita do Monte Átos, e logo publicado com tradução francesa em 1957 nas SC n.º 50. Foi da 2.ª edição desta obra (1970) que o P. Dr. Virgílio Madureira fez a tradução portuguesa.

A. Wenger traçou uma excessivamente breve *Nota biográfica* (pp. 9-11) de S. João Crisóstomo. Na *Introdução* (pp. 15-68) trata dois temas — I: As catequeses de S. João Crisóstomo (pp. 15-35), em que estuda as três séries até agora conhecidas e respectivas edições; II: A liturgia baptismal em Antioquia pelos fins do século IV (pp. 36-68), magnífico resumo histórico-litúrgico de um tema sempre actual. O resto do volume é, na edição portuguesa, apenas a tradução das homilias de S. João Crisóstomo. Atendendo à índole da nossa revista, dispensamo-nos de dar sequer os títulos das «oito catequeses» e de chamar a atenção para alguns temas magistralmente tratados pelo «boca de ouro».

Na edição portuguesa — nós não dispomos do texto grego e tradução francesa; e muito gostaríamos que as *Éditions du Cerf* passassem a contar com a nossa revista para recensão das obras cujas especialidades cultivamos em Coimbra — notamos algumas deficiências. A palavra *νεοφώτιστος* aparece sem acento (p. 17). O antropónimo *Papadopoulos-Kérameus* (pp. 17 e ss.) vem sempre assim: sem acento o primeiro nome e com acento discutível o segundo. Mais estranha ainda a transliteração *chérubicon* (pp. 41-42) quando o grego é bem explícito *χερουβικόν*. Há nomes estranhos aos nossos hábitos: Teodoro de Mopsuesto (pp. 25, 44, 61), em vez de *Mopsuéstia*; Paladius (p. 34), um francesismo desnecessário em vez de *Paládio*; pseudo-Dinis (p. 43) bem conhecido entre nós como Ps. *Dionísio*. É chocante a acentuação *Orion* (p. 108) quando o grego é bem claro: *Ὀρίων*. Noutras casos é a locução portuguesa que nos deixa intrigados: «o *meritório Savile*» (p. 21); «*ser-*

*ventes de Montfaucon*» (p. 21); «a cólera embriaga, assim como a vanglória e os *contra-sensos*» (pp. 135-136).

Nós que nos mantemos atentos à linguagem do vulgo, apreciamos as referências que S. João Crisóstomo faz às pessoas do campo e à sua linguagem típica, não ficando bem claro, só pela tradução, se se trata do «grego dos camponeses», se de dialectos micro-asiáticos indo-europeus ou não (cf. pp. 177-178): «maneira de falar que eles usam em vez da nossa», «língua bárbara que é a sua». Crisóstomo contrapõe a incultura da linguagem à cultura do espírito e à sabedoria das pessoas do campo. «Olha para este homem simples e rústico (...). É a sabedoria que o ilumina sobre esses bens inefáveis e conhece na perfeição o que os filósofos, tão orgulhosos da barba e do bastão, nem sequer conseguem imaginar» (pp. 178-179).

J. G. F.

SANTO AGOSTINHO, **Sermões para a Páscoa**, Verbo, Lisboa — S. Paulo, 1974, 232 p.

O 2.º vol. publicado pela colecção *Origens do Cristianismo* corresponde ao n.º 116 das *Sources Chrétiennes*, cujo texto, introdução e notas foram elaborados por Suzanne Poque. A tradução portuguesa deve-se ao jesuíta P. António Fazenda.

A obra principia com uma breve *Nota biográfica* (pp. 9-11). A *Introdução* (pp. 15-120) divide-se em dois capítulos. No I (pp. 15-52) trata-se de «O sacramento da Páscoa», sendo abordados todos os aspectos bíblico-litúrgicos relativos à preparação e celebração da Páscoa, especialmente a situação dos catecúmenos e os ritos baptismais, tal com eles eram praticados na cidade de Hipona, diocese de Santo Agostinho. O II cap., sobre «A pregação pascal» (pp. 53-111) desenvolve o sentido da quaresma, a marcha espiritual e ritual dos catecúmenos e a celebração da Ressurreição até à oitava da Páscoa. A belíssima construção expositiva de S. Poque é abundantemente documentada com textos e remissões para sermões, tratados, comentários e outras obras de Santo Agostinho.

As *Notas* à «Introdução» vêm nas pp. 112-120. É pena não virem ao fundo da página respectiva, o que tornaria a sua consulta muito mais fácil. Aí se tratam variados aspectos, desde os etimológicos, às simples explicações, às remissões bibliográficas e citações de opiniões de outros autores, aos lugares paralelos noutras obras do doutor de Hipona. A nota 14 (p. 114), ao referir um rito discutível, como a lavagem dos pés após o baptismo, menciona a sua rejeição na *Hispania* depois do concílio de Elvira (perto de Córdova cerca de 306). A nota 32 (p. 117), ao explicar a hora de quebra do jejum, cita, a propósito, o francês *déjeuner* e observa, entre parêntese (talvez acrescentado pelo tradutor) que «nalgumas partes de Portugal diz-se *dejejum* ou *dejum* ou *dejuja*».